

## O Discurso Político no jornalismo online do O Imparcial: a Democracia Digital a partir da interatividade<sup>1</sup>

Bárbara dos Reis Lauria<sup>2</sup>  
Patrícia da Consolação Carvalho<sup>3</sup>  
Patrícia Rakel de Castro Sena<sup>4</sup>

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

### Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar o desenvolvimento em um ano de uma pesquisa que se propôs mapear o processo discursivo político do jornalismo online no jornal maranhense O Imparcial, a partir da Interatividade Seletiva e Comunicativa no contexto de uma pretensa caracterização de democracia digital, para perceber qual o papel do leitor na construção do discurso diante de um contexto digital e online da produção e circulação da informação. Para a realização da análise, foram coletadas notícias de cunho político, com um intervalo de seis meses, durante duas semanas aleatórias, entre 2019 e 2020, publicadas tanto no portal do Imparcial Online, quanto em suas redes sociais digitais Facebook, Twitter e Instagram, e analisadas segundo as técnicas de Análise de Discurso, propostas por autores como Rosalind Gill (2002), van Dijk (2012) e Charaudeau (2009).

**Palavras-chave:** Democracia digital; Discurso político; interatividade; jornalismo político.

### INTRODUÇÃO

A interatividade dentro do processo comunicativo passa por transformações cada vez mais aceleradas junto com o jornalismo na era da conexão via Internet. Isso significa aceitar de pressuposto o que Rost (2014) já considerava: a interatividade não é uma característica exclusiva do ciberjornalismo, ela esteve presente em todas as outras fases, porém de formas mais limitadas e controladas.

Esse conceito de evolução da interatividade é perceptível em Barboza e Silva (2018, p.4) ao apresentarem as quatro fases do desenvolvimento dos gêneros

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação..

<sup>2</sup> Estudante de graduação em Comunicação Social – Rádio e TV pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pesquisador na linha de pesquisa Mídia e Democracia (MID). Bolsista de Iniciação Científica pela FAPEMA. Email: [barbaralauria@uol.com.br](mailto:barbaralauria@uol.com.br).

<sup>3</sup> Graduação em andamento em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pesquisador no Núcleo de Estudos em Estratégias de Comunicação (NEEC-UFMA), na linha de pesquisa "Mídia e Democracia - MID", vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFMA. Integrante dos projetos de pesquisa "O Discurso Político No Jornalismo Online Do O Imparcial: A Democracia Digital A Partir Da Interatividade". Email: [patriciac.jornalismo@gmail.com](mailto:patriciac.jornalismo@gmail.com).

<sup>4</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMA e do Programa de Pós-graduação em Comunicação - Mestrado Profissional (PPGCOMPRO) da UFMA. Pesquisadora no Núcleo de Estudos em Estratégias de Comunicação (NEEC) e coordenadora da linha de pesquisa Mídia e Democracia (MID). E-mail: [patricia.rakel@ufma.br](mailto:patricia.rakel@ufma.br).

ciberjornalísticos estabelecidos por Salaverría e Cores (2005). A inovação representa a fase mais moderna do ciberjornalismo em que há a “criação de um gênero totalmente novo”, com uso da interatividade para a construção desse novo estilo textual com infográficos, vídeos, fotos, hipertextos e outras diversas ferramentas que auxiliem o leitor a moldar sua própria narrativa.

A criação desta nova narrativa a partir da interatividade também é apresentada por Rost (2014, p. 55) ao definir dois tipos de interatividade que são usadas para “dar maior poder aos utilizadores tanto na seleção de conteúdos (interatividade seletiva) como em possibilidades de expressão e comunicação (interatividade comunicativa)”. Ou seja, o leitor passa a participar da construção do discurso presente naquela notícia, seja adicionando informações, conteúdos ou debates etc., a partir da interatividade comunicativa; seja criando sua própria linha narrativa para a construção deste discurso, auxiliado pela interatividade seletiva.

### **INTERATIVIDADE SELETIVA**

A interatividade seletiva é uma das características principais para a evolução das fases dos gêneros ciberjornalísticos citados por Barboza e Silva (2018), tendo em vista que essa mudança se dá principalmente na estrutura textual e nas plataformas em que as notícias vão ser publicadas e divulgadas.

O Imparcial Online está inserido na segunda e terceira fase citada por Barboza e Silva (2018), a do enriquecimento e da renovação, já que ele passou recentemente por uma mudança estrutural para se reinventar como modelo de negócio e para reconfigurar o modelo de produções de conteúdo jornalístico específicos para as plataformas online e o seu público. Contudo, o jornal ainda não chegou a última fase, pois continua no processo de mudanças e adaptação de uma equipe voltada prioritariamente para o portal ([oimparcial.com.br](http://oimparcial.com.br)):

- 2) Enriquecimento: quando o gênero, ainda que tenha uma correspondência muito próxima aos gêneros tradicionais dos meios impresso e audiovisual, incorpora possibilidades hipertextuais, multimídia ou interativas, ou seja, aproveita algumas características comunicativas do ciberespaço;
- 3) Renovação: este nível de desenvolvimento chega quando se recriam os gêneros precedentes mediante as possibilidades hipertextuais, multimídia e interativas. Mas não se trata apenas de adequações, como no nível anterior. (BARBOZA; SILVA, 2018, p.4)

A interatividade seletiva também aparece de forma sutil em Luchi (2018); porém, ao contrário do que é dito em Rost (2014), a construção de um texto interativo em

que se apresenta intertextualidades não é usada para dar liberdade de construção narrativa para o utilizador<sup>5</sup>, mas sim para reforçar a mensagem que o autor do discurso quer passar. Nesse caso a interatividade seletiva daria a opção para o utilizador construir o discurso, mas dentro dos moldes apresentados pelo emissor.

Ainda sobre o uso da interatividade seletiva para construir o texto jornalístico dentro da Web, é importante lembrar, que a imparcialidade é tida neste artigo como algo inalcançável, uma tentativa que não é de fato realizada por completo. Tendo isso em mente, se torna claro que a interatividade seletiva nunca irá garantir uma liberdade total da construção do discurso para o utilizador, pois ele sempre estará limitado pelas escolhas prévias do jornalista e da empresa jornalística que construíram aquele discurso, e os contextos em que ele se insere.

Seguindo o pressuposto do valor de verdade levantado por Charaudeau (2009), mesmo que as opções de construção do discurso para o utilizador sejam limitadas pelo jornalista, ele ainda sim tem sua própria subjetividade para construir aquele texto, que está inerente a qualquer limitação imposta pelo veículo. Essa subjetividade pode ajudar a participar do discurso a partir da interatividade comunicativa.

## **INTERATIVIDADE COMUNICATIVA**

Em se tratando especificamente da interatividade comunicativa, segundo Rost (2014), é aquela em que o utilizador pode agregar na construção do discurso através de comentários, e-mails, mensagens e outros tipos de ações comunicativas.

Ela se torna mais presente, principalmente, nas Redes Sociais Digitais (RSD) do jornal, e, embora a escolha do tipo de conteúdo que será publicado em cada rede ocorra a partir da interatividade seletiva<sup>6</sup>, a interatividade que ocorre nas RSD é majoritariamente comunicativa. Em seu artigo, Seligman (2017, p.2) cita Recuero (2006, p.1) e diz:

A rede é uma metáfora que é estabelecida para descrever o comportamento desse sistema de interações, um “comportamento coletivo que é gerado pelos diversos indivíduos em uma mesma rede social, e que impacta e é impactado pelo sistema social” (RECUERO, 2006 apud SELIGMAN, 2017, p.2)

---

<sup>5</sup> O termo “utilizador” é apresentado por Rost (2014, p.53) e se refere aos leitores das plataformas digitais dos jornais (tanto o portal oficial quanto Redes Sociais Digitais e até mesmo blogs). O autor usa esse termo pois com a interatividade, seja comunicativa, seja seletiva, o receptor não é mais somente leitor, mas também um participante da construção do discurso.

<sup>6</sup> A interatividade seletiva também se refere a escolha de conteúdos que serão consumidos pelo próprio utilizador. No caso do jornal O Imparcial, foi realizada uma pesquisa com o Social Mídia da empresa para criar um perfil dos leitores da página em cada RSD (Instagram, Twitter e Facebook) a fim de se poder fazer publicações de acordo com a preferência do utilizador.

No caso do jornal O Imparcial, além de questionarem em quantas plataformas serão publicadas aquelas notícias, existe também o questionamento de quais plataformas serão postadas, visto que algumas, como o Facebook, resultam em mais engajamento com os utilizadores do que outras, como o Instagram, já que não há ferramentas que permitem uma melhor interatividade comunicativa para agregar na construção daquele discurso, como a disponibilização de links que direcionem o leitor para a matéria.

A construção de um discurso não termina com o fim da matéria, mas se abrange, e agrega conhecimentos, a partir dos debates que são iniciados por ela, seja por comentários no próprio post do jornal, ou por acréscimos que o leitor faz ao compartilhar o link daquela notícia.

Na esfera política, conflito e divisão são inevitáveis, e a conciliação, na maioria das vezes, é indesejada porque são marcadores de poder. Trata-se da mesma observação de Mouffe (2006) quando ele fala do pluralismo agonístico. Ou seja, o dissenso é condição de existência da democracia. (MORAES, 2018, p.8)

A interatividade comunicativa, além de permitir que conhecimentos sejam agregados ao do jornalista para construir o discurso, ela também amplia o exercício da democracia dentro dos espaços cibernéticos já que possibilita a apresentação de diversos olhares sobre o mesmo objeto.

Seligman (2017, p.90) ainda chama esses espaços para comentários e debates de “o quinto poder<sup>7</sup> – população criticando e tentando tomar a frente do que é publicado na imprensa”, o que garante a democracia dentro da web já que os leitores se tornam participativos e não estão mais presos unicamente a versão do jornalista sobre aquela pauta.

Antes de querer afirmar que isso estaria competindo com a validade legal dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário constitutivos de um Estado Democrático de Direito; a ideia de “quinto poder” estaria muito mais alinhado à legitimidade que o discurso do povo precisa ter em um Estado Democrático. Assim, de acordo com Seligman, teria-se um resultado do efeito de verdade apresentado por Charaudeau (2009), já que as críticas que surgem nesses comentários muitas vezes não partem de uma análise

---

<sup>7</sup> Numa releitura dos textos de Nelson Traquina e os trazendo para explicar o contexto específico brasileiro, o jornalismo seria uma espécie de quarto poder, por exercer influência através da mídia tanto na população quanto nos três poderes destacados no Estado Democrático. No caso, o quinto poder, estaria acima do jornalismo, pois se refere às críticas e interação do povo. Claro que, para esta pesquisa, não se pensa esse status de “quarto e quinto” poder como formas legais e institucionais de constituição da democracia formal. Mas se faz referência aos respectivos termos para evidenciar o grau de importância e centralidade de uma imprensa livre e da participação de seus usuários interatuantes (como geradores também de conhecimento válido) para o fortalecimento de sociedades democráticas.

científica, mas sim da subjetividade do próprio leitor ao construir o discurso e sua opinião pessoal a respeito de determinado assunto. Segundo Moraes (2019, p. 19), “isso acontece porque cada interlocutor recorta cognitivamente aquilo no qual quer acreditar”.

Moraes (2019) ainda acrescenta que nesses debates há uma tentativa de explícita de persuasão em cada comentário para tentar mudar a opinião do “adversário”, mesmo que este demonstre não estar disposto a mudar de ideia. A autora (2019) caracteriza essa situação como uma das características dos discursos políticos.

Contudo, Van Dijk (2012) prevê que nem sempre o uso dessa interatividade comunicativa vai resultar em debates democráticos, já que podem ocorrer omissões ou distorções sistemáticas de informações que resultam no abuso de poder, como, por exemplo, em uma matéria política que foi escrita usando fatores, termos e uma construção semântica que exaltasse um determinado alinhamento político, os utilizadores vão ter uma imagem distorcida, ou unilateral, daquele tema, e isso influenciará no rumo dos debates.

No O Imparcial essa preferência pelas redes sociais para ter um retorno do público é nítida. O Jornal sempre opta por publicar em suas páginas no Facebook, Twitter e Instagram as matérias mais relevantes ou que possam ser de maior interesse do público<sup>8</sup>. Apesar dessa escolha de matérias ser baseada em uma pesquisa realizada pelo *social média* da empresa, ainda há um poder do jornal para escolher quais pautas que são relevantes para a publicação.

Além de questionarem em quantas plataformas serão publicadas aquelas notícias, existe também o questionamento de quais plataformas serão postadas, visto que algumas, como o Facebook, resultam quantitativamente em mais engajamento com os utilizadores do que outras (no caso das redes do O Imparcial), como o Instagram, já que não há ferramentas que permitem uma melhor interatividade comunicativa para agregar na construção daquele discurso, em se tratando das características comportamentais na rede dos usuários do jornal.

Ou seja, as RSD se tornam o maior local de construção conjunta do discurso, tendo em vista que são nesses ambientes onde ocorrem a construção da interação conjunta, Rost (2014, p.72) ainda destaca que “de acordo com diferentes autores, as redes sociais não são meras ferramentas, mas novos ecossistemas jornalísticos e metáforas das novas relações”. Outrossim, o objetivo deste estudo é perceber o exercício da democracia digital dentro do próprio texto jornalístico no portal do O Imparcial Online.

---

<sup>8</sup> Informações obtidas através de entrevista com a Coordenadora de Conteúdo do portal oimparcial.com.br

Ainda diante da construção do discurso além da redação, é importante levar em consideração a subjetividade do utilizador e os contextos em que estão inseridos, tanto o jornalista que escreveu a reportagem, quanto o próprio utilizador destinatário primeiro daquele conteúdo.

Vale lembrar que, segundo Van Dijk (2012), o contexto utilizado para construir o discurso não é apenas o contexto universal em que ele se insere, mas também o que é criado, tanto pelo jornalista quanto pelo utilizador, para legitimar aquela mensagem que quer ser passada. Charaudeau (2009) complementarmente ressalta que o valor da verdade, mesmo que as opções de construção do discurso para o utilizador sejam limitadas pelo jornalista, ainda sim tem sua própria subjetividade para construir aquele texto, que está inerente a qualquer limitação imposta pelo veículo. Essa subjetividade pode ajudar a participação no discurso a partir da interatividade comunicativa.

Levando em consideração o que é apontado por Rost (2014) percebe-se que a maioria dos discursos construídos a partir da interação comunicativa é feita de utilizadores para outros utilizadores. Ou seja, acaba que o discurso jornalístico em si serve como uma maneira de incitar debates digitais sendo, talvez, um agente para que a democracia digital seja exercida.

Contudo, é importante lembrar que muitas vezes esses canais para o utilizador se comunicar auxiliam na produção de pautas das redações, por exemplo, no jornal O Imparcial há avaliação de alguns comentários em determinadas postagens, e também das mensagens que a empresa recebe, para averiguar se há uma sugestão de pauta, como problemas de infraestrutura em um determinado bairro, um relato etc.<sup>9</sup>

## **O JORNAL O IMPARCIAL**

A partir de 2017 O Imparcial passou por mudanças em sua redação, tanto estrutural como organizacional. Tido como uma espécie de “Buzzfeedização”<sup>10</sup>, a empresa passou a ter mais presença na plataforma online e nas redes sociais digitais (RSD), com produção de conteúdo específico para estas plataformas, sem falar na separação da redação do impresso com a redação do portal / plataformas digitais e online.

Devido aos cortes nos gastos, contudo, em 2019 a empresa se mudou para um só lugar, onde a equipe do jornal impresso e a do site dividem o mesmo espaço; porém trabalham substancialmente em horários e rotinas produtivas diferentes. Mesmo que

---

<sup>9</sup> Informações obtidas através de entrevista com a equipe da redação do jornal O Imparcial.

<sup>10</sup> O termo “Buzzfeedização” é usado para caracterizar a aproximação com o estilo de publicação do site “buzzfeed.com”, em que as matérias jornalísticas são produzidas de formas dinâmicas, como listas ou curiosidades, e com um linguajar menos tradicional do jornalismo, com possibilidade de se propagarem (“viralizarem”) mais rapidamente nas redes sociais e atraírem mais leitores.

tenha equipe do online trabalhando também à tarde, esta concentra sua maior produção no período matutino. Durante todo o dia há produção de conteúdo para as plataformas digitais, mas só a tarde há produção para o impresso.

Após essas mudanças, o portal do O Imparcial Online passou a fazer parte da segunda e terceira fase da interatividade no ciberjornalismo citada por Barboza e Silva (2018), se tornando, possivelmente, mais próxima do que caracterizaria uma pretensa democracia digital.

Levando em consideração a função de educar e informar do jornalismo, e presumindo uma produção de um jornalismo político que incentive e possibilite a interatividade comunicativa como condição educativa midiática para que seus leitores tenham condições de tomarem melhores decisões de cunho político, é importante compreender de que maneira esta informação acontece de forma democrática com o uso da interatividade e em até que ponto o leitor tem papel na construção da realidade.

Tendo isso em vista, esta pesquisa tenta relacionar tais conceitos citados aqui para tentar responder como o discurso político no jornalismo online do O Imparcial pode influenciar aspectos da democracia digital a partir do conceito de interatividade, e tem como objetivo mapear o processo discursivo político do jornalismo online no O Imparcial a partir da Interatividade no contexto da democracia digital.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é qualitativa, exploratória e interpretativa. Para a coleta dos dados que foram analisados (notícias online da editoria de política do jornal O Imparcial) foi utilizado o método de E-clipping, e como instrumento analítico, a Análise de Discurso.

O E-clipping foi feito durante uma semana aleatória do mês de outubro de 2019 e do mês de abril de 2020 (a cada seis meses). Essas semanas foram escolhidas através de um sorteio realizado de forma eletrônica pelo site sorteador.com. As semanas sorteadas foram as do dia 14 ao dia 20 de outubro de 2019 e do dia 7 ao dia 12 de abril de 2020.

O primeiro procedimento foi registrar todas notícias publicadas no portal dentro da editoria de política durante todo o dia, salvando o título, prints do texto e o link, em pastas específicas de um computador. Após coletar as matérias do portal, foi verificado todas as notícias postadas nas redes sociais (Twitter, Facebook e Instagram) durante o dia inteiro; as que tinham o tema “política” foram salvas com o título, print do texto, print da publicação na plataforma, link e editoria.

No fim da semana, todas as matérias foram catalogadas em uma tabela com o título, plataformas que foi postada (incluindo o site), editoria e link da matéria. Foram totalizadas 17 notícias publicadas em outubro e 82 prints. 16 notícias estavam disponíveis no portal do Imparcial, seis replicadas na página do Facebook, sete no Twitter e três no Instagram; 9 dessas notícias estavam disponíveis em mais de uma plataforma.

Em abril foram catalogadas 44 matérias ao longo dos dias 6 a 12 de abril, e 237 prints. Das 44 matérias, 43 estavam no site, 26 no Facebook, 28 no Twitter, quatro no Instagram e 33 em mais de uma plataforma.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES: analisando o discurso**

Após destacado o conceito de interatividade segundo Rost (2014), e sua importância na construção da realidade, começamos a análise para identificar as possibilidades de interatividade disponíveis no discurso do jornalismo político do O Imparcial Online, levando em consideração o uso de ferramentas dentro do próprio texto jornalístico, como uso de hiperlinks, gráficos, e outras possibilidades de interatividade; e ferramentas externas ao texto jornalísticos, como as RSD, que são plataformas para uso de disseminação da notícia, interação e debate com os utilizadores. É importante ressaltar que, para esta pesquisa, não foi realizado a análise de comentários nas páginas do Twitter, Facebook e Instagram, pois aqui será abordado apenas as possibilidades de interação que estão disponíveis para o utilizador, e não como a interação ocorre.

Instrumentalmente, Rosalind Gill (2002) destaca quatro características principais da técnica de Análise de discurso, já que não há uma definição universal. A primeira é a crítica ao aceitação de conhecimentos sem debates e à ideia de que a observação de alguém o revela a forma real do fato sem influências dos conceitos pré-existentes no observador. A segunda característica é o reconhecimento de que a forma como enxergamos o mundo é relativa, baseada nas nossas experiências e o contexto em que estamos inseridos. A terceira pontuação da autora (2002) é a compreensão de que o conhecimento é construído através de processos sociais. E a quarta característica que Gill (2002, p.245) destaca é “o compromisso de explorar maneiras como os conhecimentos estão ligados a ações/práticas”.

Levando em consideração a definição da análise de discurso levantada por Gill (2002), destacamos, dentre as 63 matérias coletadas (ao todo), as 10 com mais



engajamento na página do jornal do Facebook<sup>11</sup>, sendo cinco referentes ao mês de outubro de 2019 e cinco referentes a abril de 2020.

O primeiro ponto a ser destacado é a escassez na contextualização das matérias políticas. Existe uma retomada aos acontecimentos mais recentes que desencadearam aquela notícia, porém, não há uma contextualização para a compreensão do porquê aquilo aconteceu, ou é relevante. No livro *Discurso e Contexto*, Van Dijk (2012) apresenta uma série de pistas usadas para a contextualização do discurso e a construção daquela mensagem a partir de macetes utilizados tanto na fala quanto na escrita. Essas pistas não servem apenas para construir o contexto daquele discurso, mas também para direcionar o caminho que aquela mensagem vai seguir. Ao não fazer o uso de macetes textuais para chegar a uma contextualização da notícia, a direção que o texto irá tomar pode afetar na construção da realidade para pessoas que não acompanham regularmente o cenário político brasileiro desde 2018<sup>12</sup> por exemplo, tendo uma visão distorcida do caso.

Um exemplo é a matéria “Alexandre Frota diz que Pablo Vittar seria ministra melhor que Damares” publicada no dia 15 de outubro de 2019. A princípio, quando se lê o título, a primeira impressão é de que a matéria poderia ter como valor notícia “celebridades”, em que é abordado o cotidiano e intrigas de personalidades publicamente conhecidas. Contudo, o uso da palavra “ministra” já nos remete que a matéria se trata de algo do setor da política brasileira.

A medida que a matéria é escrita, compreendemos que trata da repercussão de uma reportagem publicada na Revista Times<sup>13</sup> sobre a cantora Pablo Vittar, em que ela afirmou “ter vergonha” de ser brasileira, devido o presidente Jair Bolsonaro. Após a reportagem, o deputado, Alexandre Frota, postou em seu Twitter que Pablo não tivesse vergonha e que ela seria uma ministra melhor que Damares Alves, a ministra da “Mulher, da Família e dos Direitos Humanos”. Ao longo da matéria é retomado a reportagem a respeito da cantora e até mesmo citado, mesmo que de forma sutil, a saída polêmica de Alexandre Frota do PSL, partido político que, até outubro de 2019, o presidente Jair Bolsonaro também fazia parte.

---

<sup>11</sup> Rede social que gera mais engajamento e interações com o leitor do jornal O Imparcial, segundo entrevista com a empresa.

<sup>12</sup> Ano das eleições brasileiras para presidência, em que consideramos, nesta pesquisa, como um ponto alto para a crise política e polarizações ideológicas existentes no Brasil até o ano da produção deste artigo (2020), mesmo que isso tenha sido gestado bem antes.

<sup>13</sup> A revista Times é uma revista estadunidense publicada semanalmente e conhecida por destacar as pessoas com maior poder e influência no mundo.

Contudo, há um descaso com a contextualização do cenário político que proporcionou todos os acontecimentos citados na matéria, como o histórico dos apoiadores do presidente, da Ministra e do próprio presidente em ataques contra a comunidade LGBTQI+, e o fato da cantora Pablo Vittar ser considerada como uma das representantes do movimento LGBTQI+, fazendo com que um leitor, que não estivesse acompanhando o cenário político nas últimas semanas, ou até mesmo não tivesse conhecimento de quem é a cantora, construísse em sua realidade que tanto o comentário da cantora para a Revista Times, quanto o do deputado em sua página no Twitter, foi apenas um ataque aos seus ex-colegas de partido e ao governo Bolsonaro, sem compreender outras realidades possíveis que seriam compreendidas por um leitor que já tem um prévio conhecimento do cenário político brasileiro.

Outro ponto importante a ser destacado é a compreensão do termo imparcialidade como algo não alcançável, levando em consideração, principalmente os conceitos de “efeito de verdade” e “valor de verdade”; conforme Patrick Charaudeau (2009) apresenta, já que a verdade é construída a partir de técnicas, ou elementos contextuais como aponta Djik (2012), e também da subjetividade do receptor, como também é exposto por Van Dijk (2012, p. 35) ao dizer que “sem esses esquemas e categorias culturais, os participantes não conseguiriam entender, representar e atualizar situações sociais às vezes altamente complexas em tempo real”.

No caso das notícias políticas analisadas do jornal O Imparcial online, de forma majoritária, todas usam macetes para garantir a veracidade do fato tirando a responsabilidade do jornal, e passando essa responsabilidade para terceiros, sejam agências de notícias, seja a fala de algum político. No caso das agências notícias, no local de identificação do autor da matéria, há uma observação de qual agência de notícia as informações foram adquiridas. Normalmente, isso acontece em matérias de política nacional, em que há uma certa distância do jornalista com a fonte primária da informação (Brasília), como no caso da matéria sobre o deputado Alexandre Frota e a cantora Pablo Vittar.

Já no caso das matérias locais, em que a apuração das informações é realizada pela própria redação, há um constante uso de macetes que reforcem que aquilo não está sendo dito pelo jornal, mas sim por um terceiro, como o uso dos termos “De acordo” “Segundo” “Diz ainda”, usados na matéria, a respeito do pedido do Governador do Maranhão, Flávio Dino, à população para que não viaje durante a semana santa devido à

pandemia da Covid-19<sup>14</sup>, publicada no dia sete de abril de 2020. Ao longo do texto, o repórter foi identificado (também por ser uma matéria local) e dá a notícia a partir do discurso realizado pelo Governador do Maranhão, enfatizando que é uma informação do Estado, e não uma posição informativa e de agenda do jornal. É importante também destacar que, com intensificação da crise política brasileira devido à pandemia da Covid-19, a imprensa passou por frequentes ataques dos apoiadores do governo Bolsonaro, que passou a representar um grupo contra medidas mais severas de distanciamento social e prevenção do vírus no país.

O uso desses macetes ajuda na construção da veracidade para a notícia, pois informa que o que está sendo dito naquela matéria não é uma mera opinião ou um posicionamento do jornal, mas apenas o ato de publicar o depoimento de fontes que têm legitimidade do lugar de fala enquanto autoridade, o que traz confiança para o leitor, pois há uma segunda pessoa, que não é o jornal, reafirmando o acontecimento

Levando em consideração o conceito e as classificações de interatividade segundo Rost (201), citada anteriormente neste artigo, passamos a analisar então quais manifestações interativas estão presentes no discurso jornalístico da editoria de política do Imparcial Online.

Ao analisar as notícias percebe-se que a interatividade seletiva tem presença majoritária, principalmente em matérias com incorporação de imagens / links de tuítes enquanto depoimentos de fontes, em que o leitor tem a possibilidade de não só reconhecer a veracidade da notícia e acompanhar o fato, mas também de co-criar a narrativa sobre aquele acontecimento além das possibilidades iniciais de enquadramento dadas pelo texto noticioso.

o caso da matéria a respeito do deputado Alexandre Frota citada anteriormente, como a matéria parte de uma publicação no Twitter, foi incorporado na notícia a postagem do deputado, de forma que o leitor pudesse acompanhar os possíveis desdobramentos que aquela situação poderia vir a ter. O acréscimo dessa postagem pode dar a liberdade para o leitor reconstruir a realidade daquele discurso a partir também do acesso e clique a / em outras postagens da Rede Social Twitter, respostas ao comentário e compartilhamentos com acréscimos de informações e opiniões, que não estão presentes no texto do jornalista.

---

<sup>14</sup>A pandemia do vírus descoberto em dezembro de 2019 causou impacto na já existente crise política brasileira, intensificando-a e refletindo nas matérias do jornal O Imparcial Online, em que, agora, a editoria de política, frequentemente, é trabalhada em conjunto com matérias da editoria específica para o Coronavírus.

Interatividade comunicativa é, ainda assim, muito escassa e quase imperceptível dentro do discurso do jornalismo político do O Imparcial online. Essa interatividade está mais presente em matérias locais, em que todas as informações, falas e dados foram coletados e escritos pela redação da empresa. Há também um maior conhecimento e interesse do público local sobre temas locais, então os usuários tendem a se engajar mais em torno desses acontecimentos e tentarem legitimar ou deslegitimar as informações publicadas pelo jornal. Em matérias em que a apuração foi feita pelo próprio jornal, é inserido na matéria a foto e o nome do jornalista que a escreveu, facilitando o contato daqueles que tem algo a acrescentar.

Contudo, não se percebe uma presença ampla da participação da população nas matérias de políticas do jornal, e nem a construção do discurso jornalístico junto com as possibilidades de expressão do leitor. O que se nota é uma preocupação do jornal em mostrar o lado dos diferentes polos políticos na expectativa de um público apenas receptor que é capaz de escolher como será o consumo daquele discurso, porém, sem poder mudar o direcionamento do que é dado através dos macetes textuais noticiosos e das ferramentas interativas disponibilizadas pelas plataformas digitais e online da empresa. Isso, acaba tendo consequências sobre os mecanismos de estímulo ou tolhimento à participação e “interesse **do** público” sobre temas de “interesse público”; afetando, inclusive, características do jornalismo online que fortaleceria a democracia digital, pois a escassez da interatividade comunicativa, faz com que seja exposto apenas o enquadramento da informação sob a perspectiva de fontes oficiais, mas não o da população, que acaba sendo mantido em um papel de expectador diante do estado e da imprensa. É como se a imprensa colaborasse na ideia de que cidadania política dentro da democracia não precisa ser exercida diretamente, apenas representada, delegada a alguém

Gomes (2005), ao falar sobre democracia digital, vai ressaltar que apesar das ferramentas da internet permitirem um contato direto do povo com o Estado, nem sempre o povo é escutado e a comunicação se torna unilateral. Mesmo que haja interação e participação do povo nas decisões do Estado elas não são necessariamente levadas em consideração. Mesmo assim o autor (2005) alerta para a importância de se pensar as transformações que a era da conexão impõe aos sistemas democráticos

A esfera política se mantém, mas o Estado se torna mais poroso à participação popular, permitindo que o público não apenas se mantenha informado sobre a condução dos negócios públicos, mas também que possa intervir deliberativamente na produção da decisão política (GOMES, 2005, p.219)

Como foi dito anteriormente, a interatividade comunicativa auxilia no exercício da democracia, pois permite a construção do discurso em conjunto com os leitores, podendo, assim, mostrar os diversos lados dos temas de interesse público. Contudo, não é o que percebemos nas notícias analisadas. Além de ser escassa a manifestação da interatividade comunicativa; a falta de contextualização, que reflete diretamente no direcionamento do discurso jornalístico político, faz com que as matérias ou sejam direcionadas a um público que já possui um certo conhecimento e amadurecimento crítico da pauta política entre os anos de 2018 a 2020; ou se constituam em informações fragmentadas e, portanto, sistematicamente distorcidas, provavelmente com interesses ideológicos implícitos; influenciando, inclusive, construções de realidades também distorcidas, para leitores com conhecimentos prévios diferentes.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Chega-se aqui com uma percepção singular de hipóteses levantadas ainda na construção no Plano de Trabalho que resultou no desenvolvimento desta pesquisa: apesar do discurso político do O Imparcial Online possuir uma linguagem compreensível, estar em constante mudança desde 2017 e fazer uso de macetes textuais, como as postagens de redes sociais incorporadas na notícia, para que haja fácil compreensão da maioria dos leitores; as matérias produzidas são direcionadas para um público-alvo que tenha um prévio conhecimento do contexto político brasileiro desde o ano de 2018 para a compreensão daquele discurso, não sendo necessariamente para pessoas com maior escolaridade ou classe econômica, mas que tenham acompanhado as notícias e os acontecimentos recentes, pois o discurso é construído a partir do preceito que o leitor daquela notícia já tenha conhecimentos existentes e por isso não precise de uma contextualização, mas apenas um resgate de acontecimentos recentes.

Charaudeau (2009) vai afirmar que a pretensão da credibilidade jornalística precisa ser definida em termos de “valor de verdade” e de “efeito de verdade”. O efeito de verdade se dá a partir da construção do discurso com auxílio de conhecimentos científicos externos ao homem e o uso de técnicas que garantam a explicação. Já o “valor da verdade” ocorre a partir da subjetividade do utilizador e a forma como ele se relaciona com o mundo. O valor da verdade seria a credibilidade fundada em um “saber da opinião”.

Seguindo esse pressuposto, a verdade apresentada nas notícias foi construída com o uso de técnicas e ferramentas para evidenciar o enquadramento que se está querendo ser transmitido, mesmo que de forma não proposital; pois, como Rosalind Gill

(2002) explica sobre a análise do discurso, até mesmo o uso de um termo ao invés de outro há um processo de significação por trás, mesmo que imperceptível para o próprio emissor.

Por isso, percebe-se que o papel do leitor está relacionado apenas com o engajamento no sentido de aferição de números de “likes” e de compartilhamento das matérias nas RSD. Contudo, é raro o papel do leitor na construção do discurso da notícia, sendo sua função auxiliar no direcionamento daquele discurso e na construção da realidade a partir de seus conhecimentos pré-existente, fazendo com que exista uma realidade construída para cada leitor (e esta, às vezes, distorcida).

Por fim, percebemos que por ainda estarmos distante de uma efetiva democracia digital, como foi proposta por Gomes (2005), a escassez da interatividade comunicativa deixa o discurso político do O Imparcial Online ainda mais distante dessa democracia, fazendo com que o público permaneça sendo expectador do Estado. Dessa forma, o uso da interatividade seletiva e o uso de ferramentas como as RSD podem trazer uma falsa sensação de que esta democracia digital, em termos ao menos de participação mais direta, já estar sendo posta em prática, uma vez que o leitor teria uma relação mais direta com a notícia, ainda que não seja escutado (ou por desinteresse mesmo do jornal que não atentou para a importância disso; ou por desinteresse ideológico – político do jornal; ou por condições financeiras de seu modelo de negócio; ou por disponibilidade e formação de pessoal; ou por inúmeros outros fatores que não cabem ser discutidos neste momento, mas que ficam como proposição de estudos futuros)

## Referências

BARBOZA, E. F. U.; SILVA, A. C. A. **Infografia multimídia como gênero ciberjornalístico e suas possibilidades interativas**. Anal Intercom, Joinville, n. 4, set. 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0593-1.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: UBI / LabCom, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

JK, Teun A. van. **Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Wilson. **A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política**. In: Fronteiras – estudos midiáticos. VII(3): 214-222, 2005. Disponível em:

<<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6394>>. Acesso em 08 de junho de 2020.

LUCHI, Sissa Souza. **A intertextualidade em uma coluna do jornal impresso Atribuna: marcela temer, construção de imagem e discurso político.** Anal Intercom, Joinville, v. 41, set. 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1544-1.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

MORAES, Ângela Teixeira de. **Limites da racionalidade nos discursos políticos em redes sociais: os estudos retóricos e a apologia da polêmica em questão.** Encontro Anual da Compós, Porto Alegre, v. 28, jun. 2019. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_7ZGWIG4FR95LJGK83IDS\\_28\\_7164\\_05\\_02\\_2019\\_11\\_28\\_44.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_7ZGWIG4FR95LJGK83IDS_28_7164_05_02_2019_11_28_44.pdf). Acesso em: 30 maio 2020.

ROST, Alejandro. **Interatividade: Definições, estudos e tendências.** In: CANAVILHAS, João (Org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI / LabCom, 2014.

SELIGMAN, Laura. **A construção da cidadania no ambiente interativo online – análises de comentários na fanpage do G1 no Facebook.** Revista Pauta Geral- Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 76–92. Jul/Dez 2017. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10432/6236>. Acesso em 30 de maio de 2020.